

**Entrevista com José Sebastião Witter, Professor Emérito da USP
(Departamento de História)**

Entrevistadores:

Bernardo Borges Buarque de Hollanda (Escola de Ciências Sociais/CPDOC-FGV)

Daniela do Amaral Alfonsi (Doutoranda em Antropologia/USP)

A entrevista a seguir, com o professor José Sebastião Witter, foi pensada em consonância com a proposta do presente Dossiê Futebol & Narrativas Oraís. A participação no XI Encontro Nacional de História Oral, em julho de 2012, no Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) havia ensejado uma primeira experiência com o tema do futebol, mediante a realização do Simpósio Temático Futebol, Memória e Narrativas Oraís, coordenado por Marcos Alvito (UFF) e Bernardo Buarque (CPDOC), no referido evento da ABHO.

A possibilidade de dar sequência a essa iniciativa recebeu o estímulo deste número, dedicado à reflexão sobre a importância das fontes orais no estudo dos esportes, e do futebol em particular.

O entrevistado foi escolhido não apenas pela excelência de sua produção intelectual, como pela vasta trajetória universitária construída no período histórico de formação da História Oral no Brasil. Vale dizer ainda que José Sebastião Witter destacou-se por sua atuação à frente de instituições públicas paulistanas como o IEB (Instituto de Estudos Brasileiros/USP), o Museu Paulista e o Arquivo Público do Estado de São Paulo, na época assinalada.

Dentre essas instituições, destaca-se sua participação em um projeto desenvolvido no Museu da Imagem e do Som, de São Paulo. Em fins da década de 1970, junto aos professores da USP, Boris Kossoy e José Carlos Sebe Bom Meihy, o entrevistado coordenou uma pesquisa pioneira: “Memória do Futebol”. Esta consistiu na gravação de depoimentos orais com personagens do futebol brasileiro, dentre técnicos, jogadores, cronistas esportivos e dirigentes. As entrevistas, realizadas no MIS de São Paulo, foram feitas entre 1976 e 1987 e chegaram a noventa horas de registros em fitas k-7.

Quanto ao tema em questão, Witter foi um dos precursores nas pesquisas sobre a história do futebol brasileiro, em âmbito acadêmico. Se durante anos o objeto havia sido alvo de desconfiança, quando não de menosprezo, por parte da intelligentsia nacional, o autor pertenceu à geração que, no contexto de redemocratização, deu início a uma inversão no tratamento do assunto. Até então visto dentro da semântica do marxismo vulgar – “válvula de escape”, “ópio do povo”, “alienação das massas” – este esporte foi aos poucos recebendo a

atenção devida na Historiografia e nas Ciências Sociais, a ponto ser reconhecido entre autores do porte de Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

Nessa conversa, Witter aborda seu percurso intelectual, desde o despertar do interesse colegial pelo estudo da História até a sua formação integral na USP – graduação, mestrado, doutorado, livre-docência, professor titular e, finalmente, professor emérito no ano de 2003. Ao eleger o orientador Sérgio Buarque de Holanda como personagem decisivo de sua vida universitária, aponta os caminhos alternativos que trilharia, com a busca por objetos, abordagens e problemas pouco usuais no campo historiográfico brasileiro dos anos 1970.

A entrevista patenteia também a importância da atuação do historiador na esfera pública e, ao mesmo tempo, a relação indissociável da experiência administrativa com a reflexão acadêmica, tendo em vista o tema de sua tese de livre-docência: A História e o Arquivo do Estado de São Paulo na Administração.

Outro ponto que chama a atenção no depoimento a seguir diz respeito à maneira, até certo ponto amadora, com que as fontes orais eram tratadas, do ponto de vista metodológico, nos idos de 1970. Responsável pela constituição de parte significativa do acervo de entrevistas do Museu da Imagem e do Som, conforme mencionado acima, Witter evidencia o modo espontâneo pelo qual as gravações eram processadas no MIS à época, da elaboração do roteiro de perguntas aos cuidados com o armazenamento e a conservação do material sonoro.

Se a obra capital de Paul Thompson ainda não ecoava na Academia, Witter atesta o impacto de trabalhos acadêmicos sobre os engenhos da memória, tal como o de Eclea Bosi, amparada na densa análise de Henri Bergson e Maurice Halbwachs.

*

A entrevista que segue foi realizada em dois momentos do mês de setembro de 2012. Após uma primeira sondagem, que tencionava a gravação direta com o autor em sua cidade de residência, Mogi das Cruzes, o próprio preferiu responder às perguntas formuladas por escrito. Ante uma primeira rodada de onze questões, formulou-se uma nova série de perguntas, em complemento às elaboradas inicialmente.

1. *Caro professor: nossa motivação para entrevistá-lo neste número da Revista Esporte & Sociedade decorre, em parte, do fato de que sua formação no departamento de História da USP coincidiu com o período da Ditadura Militar, culminando com a fase da transição democrática, quando o senhor obteve a livre-docência em História do Brasil pela mesma universidade. Para início de entrevista, poderia nos dizer o que o atraiu para a História, como um jovem estudante do interior paulista?*

Quando eu era menino e estava, ainda, na cidade de Guararema, São Paulo, tive uma professora primária espetacular. Ela ensinava português, através da leitura dos livros de Monteiro Lobato e uma das obras mais usadas era "A história do mundo para crianças". O nome dessa professora é Evelina Barudi. Este livro era lido pelos estudantes na sala de aula e em voz alta. E sempre comentado por nós. Foi a primeira e grande motivação. Mas, depois, já no Ginásio, no Colégio e na Escola Normal, eu tive excelentes professores de História Geral e do Brasil. Um deles, Jair Rocha Batalha, que era basicamente professor de Geografia, me mostrou o meu caminho e sempre me emprestou livros de História, principalmente obras que cuidavam da História do Brasil. Eu tinha muita curiosidade e era um tempo em que se lia muito. Meu interesse foi muito estimulado pelos meus professores...

2. *Passada a sua formação escolar, e despertado o interesse pela História, quais são suas lembranças em relação ao curso de graduação na USP? Como eram as aulas, de que colegas de geração o senhor se lembra e que recordações o senhor guarda acerca daquele conturbado período da vida nacional?*

Entramos na USP, ainda na Rua Maria Antônia, em 1958. Era um mundo totalmente diferente de tudo o que é a Universidade atualmente. Eu, já casado com Geraldina, viajava diariamente de Mogi das Cruzes para São Paulo. Pegava o subúrbio, descia na Estação Roosevelt e pegava bonde, ônibus, começava a estudar às 14h e ia até às 18h. Muitas vezes assistia a palestras e seminários à noite ou participava de atividades dos estudantes.

A graduação na USP foi a minha grande experiência de vida. Imagine o que era estudar com os mestres daquela época: Eurípedes Simões de Paula, Pedro Moacir Campos, Paulo Pereira de Castro, Aldo Janotti, Gioconda Mussolini, Egon Schaden, Aroldo de Azevedo, Sergio Buarque de Holanda, Myriam Ellis, Maria Thereza Petrone, Pasquale Petrone, Odilon Nogueira de Matos, dentre tantos outros. Jean Glenisson, que só dava aula em francês e tinha como sua auxiliar e assistente Emilia Viotti da Costa. E muitos outros ainda, seria quase uma lista telefônica.

Foi uma lição de vida e uma aprendizagem que me permitiram chegar aonde cheguei. Devo muito aos professores e ao Departamento de História por eu ter podido chegar a ser professor titular da USP.

As recordações são as mais gratas possíveis. Imagine conviver com os professores, viver o ambiente da USP; de início na Maria Antônia e depois na cidade universitária, lá no Butantã – que ficava muito, muito longe... Aprender a conviver com o novo espaço e ajudar o Departamento de História a se instalar no seu novo edifício foi outra grande aventura;

quanto aos colegas é uma coisa muito difícil de enumerar e sempre que a gente cita o nome de amigos pode-se esquecer de alguns que foram marcantes na nossa história.

Na época da graduação três foram companheiros de viagem diária: Horácio da Silveira, Jurandir Ferraz de Campos e Alberto Borges dos Santos. Destes, só eu continuei a carreira. Outros, que depois foram também colegas no Departamento de História, já como professores. Posso lembrar Fernando Novaes, Carlos Guilherme Mota, Suely Robles de Queiroz, Maria de Lourdes Janotti, Maria Odila da Silva Dias, mas há outros que viveram próximo de mim e de que agora não me lembro.

Como o prédio da Maria Antônia abrigava muitos outros cursos, fiz muitos amigos em outras áreas e que estudavam comigo, em especial, os estudantes da Geografia. Dentre eles, o que me marcou e que até hoje é meu companheiro é Nelson de La Corte. Mas também Gil Sodero de Toledo, Erasmo D'Almeida Magalhães...

3. Em 1971, o senhor obteve o doutoramento com uma tese orientada por Sérgio Buarque de Holanda, em que analisava o sistema partidário na Primeira República. Como era tratar de partidos políticos em uma época na qual o bipartidarismo era a regra vigente num país autoritário?

O estudo do sistema partidário na Primeira República foi um tema sugerido pelo Dr. Sérgio Buarque de Holanda. No nosso tempo de estudante, no Departamento de História da USP, aliás, como era em qualquer cátedra no mundo universitário, era comum aos catedráticos sugerirem os temas aos seus assistentes. No meu caso, eu tinha um interesse especial pela questão político-partidária; eu entrei tardiamente para a Universidade e já havia militado na vida política de Mogi das Cruzes; até fazendo campanha política para um candidato a Prefeito que ganhou a eleição, na década de 1960. Eu fiz vestibular já com 22 anos completos e era o mais velho dos estudantes de então na minha sala.

Mas o Dr. Sérgio também tinha um interesse especial pelo Partido Republicano Federal e conhecia muito bem a documentação existente sobre a agremiação partidária. Ele detinha até algumas atas da fundação do Partido e me orientou onde procurar, no Arquivo Público do Estado, em que estantes eu encontraria mais documentação. Foi isso que eu fiz e a tese foi defendida. Quanto à questão do autoritarismo de então e o regime bipartidário, nada influiu. Pelo menos em se tratando da minha pesquisa acadêmica. Eu, também, vivera o regime pluriparlamentar, antes de 1964, e até vivera a disputa política.

Também fiz uma extensa pesquisa na bibliografia existente e acho que pude fazer um trabalho razoável.

Como professor, sempre fiz questão de ensinar o período republicano, pois não me conformava em ter aulas e programas que terminavam com a proclamação da República e depois disso, uma lista de nomes de presidentes e a divisão do período em primeira e segunda republica ou Republica Velha e Nova República.

4. *Para parte expressiva da sociedade, o futebol ficou marcado como um fenômeno de massas alienador, a exemplo de sua apropriação por Médici, logo após a conquista do tricampeonato de 1970. O que fez despertar seu interesse acadêmico para a temática do futebol, entre o final dos anos 1970 e o início da década de 1980, e como isso foi recebido na Academia?*

O professor Sérgio Buarque de Holanda¹ sempre discutiu muito com os seus assistentes sobre a necessidade de pesquisas sobre o povo brasileiro. Certo dia, perguntei a ele: e se eu estudasse o futebol brasileiro? Ele disse que seria uma forma expressiva de estudar o Brasil e também seria uma novidade dentro da Universidade. Incentivado por ele, comecei a fazer meus estudos acadêmicos sobre o futebol e o esporte. Meu primeiro trabalho acadêmico, o fiz para um congresso de História e tratou do esporte como fonte de conhecimento para a História. Não fui muito bem recebido não, mas, como tinha o Dr. Sérgio como respaldo, eu prossegui.

É claro que eu tinha outros interesses no campo da História e da Historiografia. Continuei estudando os arquivos e as fontes primárias e não cheguei a defender nenhuma tese no âmbito do futebol. Escrevi vários artigos e fiz diversas resenhas sobre livros de futebol, publicados em jornais e revistas acadêmicas e tenho orgulho de ser o primeiro a introduzir o tema no mundo acadêmico. Quase nunca sou lembrado como tal, porém já examinei muitas teses que cuidam do tema.

A Academia relutou um pouco, mas depois passou a estudar o futebol e chega até a exagerar...

5. *Em algumas dessas dissertações e teses que o senhor orientou, as fontes orais foram utilizadas? Assim como o tema do futebol, a entrada da História Oral na Academia encontrou obstáculos?*

¹ A convite de Antônio Candido, José Sebastião Witter escreveu a introdução à obra póstuma e inacabada de Sérgio Buarque de Holanda, *O extremo oeste* (São Paulo: Brasiliense, 1986).

Nesse momento, ainda não se falava em fontes orais. Mas usamos os relatos e as entrevistas de muita gente. Nada era sistemático como agora. Vamos dizer que ainda não havia regras estabelecidas e que nós éramos de fato elementos da pré-história da História Oral. Quanto a obstáculos, eles existiam, sim. Não se aceitava que o mais recente fosse considerado História. Entendia-se que tudo devia ser baseado em documentos escritos e que estes deveriam ter sido produzidos há um certo tempo. Era tudo muito diferente.

6. Em 1990, ano da Copa do Mundo na Itália, o senhor publicou, pela coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, o livro intitulado O que é futebol. Como se sabe, esta editora ficou conhecida, no final dos anos 1970, pelo lançamento de uma série de livros com assuntos e autores de esquerda, muitos deles ligados à universidade. A publicação de seu livro, com o tema futebolístico, foi um sinal de mudança em relação à tradicional visão negativa dos intelectuais sobre este esporte?

Quanto ao livrinho "O que é futebol?" não sei te dizer se foi uma mudança. O Caio Graco, que era o coordenador da Editora e o Luís Schwarcz, que dirigia a série Primeiros Passos, estavam fazendo uma experiência no 'O que é...'. Caio, meu amigo, disse: a Copa vem aí, Witter, escreve um *Primeiros Passos* sobre futebol. E eu fiz, mas acabou saindo depois daquela Copa para a qual foi encomendado. Eu precisava pensar muito em como fazer e a forma foi o que mais complicou. O livro não saiu tão bom, até pelas dimensões, mas, foi um marco.

7. De que maneira o senhor conseguiu combinar as pesquisas mais tradicionais em História Política e Econômica com novos objetos da área, como a História Cultural e a própria História Oral?

Não sei te dizer com precisão sobre como combinar tanta coisa que parece muito diversa. É que, naquele momento, acho eu, a gente ousava mais que hoje. A Academia era outra e permitia aos mais novos ousar. Mais ainda, a gente tinha o respaldo dos catedráticos; mesmo depois de extinta a Cátedra. O Dr. Sérgio Buarque de Holanda sempre foi o nosso orientador. Mesmo aposentado da USP – quando se solidarizou com outros colegas aposentados compulsoriamente pela ditadura – ele continuou a ajudar a gente e a indicar o caminho de todas as nossas teses. Nunca deixei de mostrar meus textos para ele; até de alguns livros feitos, antes de ele ficar doente. E ele nunca deixou de rabiscar às margens do que a gente escrevia. Foi e é meu mestre...

8. *Conte-nos sobre o projeto "Memória do Futebol". Como surgiu essa ideia junto ao Museu da Imagem e do Som, no final dos anos 1970?*

A ideia das entrevistas do MIS – São Paulo surgiu de uma conversa entre mim, Boris Kossoy e José Carlos Sebe Bom Meihy. Boris dirigia o MIS, eu dirigia o Arquivo do Estado e José Carlos tinha ou estava fazendo o livro "Futebol e Cultura"². Nesse tempo, eu era técnico-auxiliar de futebol juvenil na várzea e houve essa convivência com o mundo varzeano, com a experiência do futebol de jovens. Havia então um campeonato de meninos e jovens, que se chamava Dentinho, Dente e Dentão, e que reunia equipes juvenis de idades diferentes. Eram muitas equipes, teve um ano com mais de 300 times.

Dessa experiência, do convite para que eu ajudasse o José Carlos no livro e no apoio do Dr. Sérgio, eu comecei a animar o povo a preservar a memória do futebol. E o MIS – São Paulo gostou da ideia e fizemos as gravações como pudemos. Deixamos muitas fitas e também várias fotografias. Acho que foi uma contribuição valiosa. Não avançou ainda mais porque faltaram verbas para trazer todos os jogadores vivos de seleções brasileiras de várias épocas. E as mudanças dos secretários de Estado e suas implicações...

11. *Diante do interesse deste Dossiê com as fontes orais, poderia contar-nos como eram preparadas as gravações? Havia roteiro ou algum tipo de pesquisa prévia? Quais eram os critérios para a seleção dos entrevistados e como era feito o contato com os depoentes?*

Para te dizer a verdade, a gente tinha um pequeno roteiro, mas tudo caminhava conforme o momento e os entrevistados. Alguns eram mais expansivos, outros quase calados e a gente conduzia como a coisa se apresentava. O importante para nós que conduzíamos as entrevistas era tirar tudo que pudessemos da memória de cada um deles. Acho que deixamos uma boa contribuição para se escrever a história do nosso futebol.

12. *Sua resposta remete-nos a um aspecto importante: até que ponto deve o entrevistador conduzir a entrevista e induzir as respostas com suas perguntas? Ou seja, em que medida a*

² *Futebol e Cultura* é uma coletânea de ensaios sobre futebol organizada pelos profs. José Carlos Sebe Meihy e José Sebastião Witter, publicada pela Imprensa Oficial e pelo Arquivo do Estado de São Paulo em 1982. Assim com o livro organizado por Roberto Da Matta, *Universo do Futebol*, lançado no Rio de Janeiro no mesmo ano, foi um projeto que impulsionou a entrada da temática na área acadêmica.

interferência do entrevistador pode contribuir ou comprometer no processo de rememoração dos entrevistados?

Não sei dizer... Considero que a forma de fazer as entrevistas, e de tentar aprofundar as perguntas, não induzia e nem comprometia as respostas obtidas. A gente deixava (quanto me lembro) os entrevistados muito à vontade. E era tudo muito descontraído; era como uma conversa de botequim... Só o gravador e as fotos é que faziam a diferença. Talvez, num ou noutro momento a gente possa ter influenciado, mas nunca induzido...

13. Como os entrevistados do projeto recebiam o convite? Havia algum estranhamento deles em relação ao formato (história de vida), ao tempo (mais de 60 minutos) e à finalidade (construir um acervo para o museu)?

Os entrevistados eram convidados pelo telefone. Não havia nenhuma formalidade. A gente marcava a data que desse para cada um deles...

14. Ainda sobre este projeto, o senhor poderia nos relatar com mais detalhe quais depoimentos mais o impactaram, como era o entrosamento com os entrevistados, se houve algum imprevisto, etc? Como foi o dia a dia do projeto? Vocês pensaram em uma lista prévia de entrevistados? Quem decidia quem seria entrevistado?

Dizer quais depoimentos causaram mais impacto é muito difícil. Era tudo tão surpreendente e as pessoas tão diferentes e diferenciadas. Não ousou destacar um que tenha causado mais ou menos impacto em mim, mesmo porque o tempo se incumbia de mudar as emoções.

Quanto ao dia-a-dia do projeto, nós o vivíamos. A gente se encontrava uma ou duas vezes por semana e conversávamos sobre tudo o que estávamos fazendo. Havia sim uma lista prévia, mas não havia uma ordem estabelecida, mesmo porque a gente dependia muito dos entrevistados e de suas disponibilidades. Quanto a decisões, elas eram tomadas em conjunto e não havia uma hierarquia.

15. No Brasil, um livro de referência para os estudiosos da História Oral é "Memória e sociedade: lembrança de velhos", publicado pela primeira vez em 1979, de autoria de Ecléa Bosi. O senhor tem recordação do impacto desta obra da professora do Departamento de Psicologia da USP?

O livro da professora Eclea Bosi foi um acontecimento... Ela inovou porque soube fazer a narrativa como ninguém. Cuidou da memória e da história de forma diferenciada e surpreende. Livro que marca uma grande virada na forma de fazer história e preserva a memória dos entrevistados. Livro de impacto, sim...

17. Tendo coordenado um projeto sobre memória esportiva nos anos 1980, qual a avaliação do senhor sobre o tratamento dado pelas instituições e órgãos de patrimônio ao tema ao longo dessas décadas? O futebol, que um dia fora marginal na Academia, ainda seria, nos dias de hoje, um assunto fora da pauta das ações de preservação da memória?

Esta resposta não sei te dar. O correto é dizer, não sei.

18. Ainda nesse tema, nos últimos dez anos, assistimos à inauguração e à reformulação de memoriais esportivos no Brasil e no mundo. Só na cidade de São Paulo, temos o Memorial do Sport Club Corinthians Paulista, do São Paulo Futebol Clube e o Museu do Futebol. Este já se tornou o segundo museu mais visitado no estado, dentre todos os museus pertencentes à Secretaria de Cultura. É provável que até a Copa do Mundo de 2014, tenhamos no país outra série museológica acerca desse tema. Gostaríamos que o senhor comentasse sobre essas novas instituições e sobre qual o papel desses espaços para o entendimento da prática esportiva.

Sobre todos os museus de clubes e o Museu do Futebol, no Pacaembu: a melhor coisa que foi feita no Brasil. É preciso, no entanto, tentar guardar as 'pequenas-grandes' coleções de documentos e fotos de toda natureza e sobre todos os esportes, que estão com diferentes colecionadores. Aqui em Mogi das Cruzes, por exemplo, existe um ex-jogador de futebol e colecionador compulsivo que guarda preciosidades sobre o futebol da região. Há outros em Piracicaba, Rio Claro, Araraquara... O problema é que as pessoas envelhecem, adoecem e morrem e os descendentes, quando existem, se desfazem desse 'material velho'. Nada que é de particulares se preserva e o poder público não sabe resgatar essas preciosidades.

Minha esperança é que todos os clubes organizem seus arquivos e seus museus e o nosso querido Pacaembu faça desse lindo Museu o grande acervo de história esportiva e brasileira. Preservar a memória do esporte é salvar a História do Brasil.

19. Durante mais de uma década, o senhor dirigiu o Arquivo Público do Estado de São Paulo, entre outras instituições fundamentais da vida cultural paulistana. Pode-nos falar um pouco de tal experiência.

Esta pergunta é a mais difícil de todas. Primeiro porque é necessário lembrar aquele momento em que fui convidado para ser o Diretor do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Era o Governo Paulo Egídio³ e o chefe de gabinete dele era o Professor Antonio Soares Amora⁴. Quem dirigia o Arquivo era o professor e historiador Francisco de Assis Barbosa⁵ que fora trazido pelo Dr. José Mindlin⁶.

A professora Anita Novinsky foi quem me convidou e praticamente me colocou como diretor do Arquivo. Ela foi a intermediária entre a Secretaria da Cultura e eu. Permaneci por onze anos⁷ e três governos de Estado e com toda autonomia de que precisei para completar o projeto deixado pelo professor Francisco de Assis Barbosa. O curioso é que comecei com Paulo Egídio, passei por Maluf e continuei com Montoro.

Quando este assumiu o Governo, ele recebeu um abaixo-assinado de todas as universidades públicas paulistas. Mostrou-se ao governador que eu era professor da USP, um homem que conhecia a questão dos arquivos e precisava terminar o projeto. Fui ao palácio e Montoro, por intermédio do professor Paulo Sergio Pinheiro, me recebeu. Como colegas, começamos um belo trabalho. Foi, fora dos muros da USP, o grande aprendizado de minha vida. Precisei aprender a conviver com políticos, participar de reuniões de natureza diferente e sempre complicadas e a conduzir um órgão que precisava de tudo. Consegui manter o prédio da Rua Dona Antônia de Queiroz, que infelizmente foi demolido. Isto nunca deveria ter acontecido. Deixei, no entanto, por um esforço conjunto de muitas instituições, de colegas e políticos do Arquivo, sua sede definitiva, lá na Rua Voluntários da Pátria, perto da Rodoviária e da Estação Tietê do Metro.

Assumi o Arquivo, mas nunca deixei de dar minhas aulas no Departamento de História e de orientar os meus alunos de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado). Foi uma época muito feliz em minha vida. Trabalhei como nunca e tive, para minha alegria e

³ Paulo Egídio Martins foi eleito governador de São Paulo indiretamente, no período de 1975 a 1979, durante o governo de Ernesto Geisel.

⁴ Antônio Augusto Soares Amora foi Prof. Titular de Literatura Portuguesa na USP. Logo após a criação da Fundação Padre Anchieta em 1969, foi convidado a assumir a diretoria do Departamento de Ensino da TV Cultura, criando o Telecurso Segundo Grau. Assume a Presidência da Fundação em 1975 e ocupa o cargo até 1983.

⁵ Francisco de Assis Barbosa foi vice-presidente da Fundação Padre Anchieta (1975) e, como Diretor do Arquivo do Estado de São Paulo, tornou-se responsável por elaborar plano de remodelação do sistema arquivístico do Estado. Em 1977, passou a integrar o corpo de diretores da Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro), na Chefia do Centro de Estudos Históricos.

⁶ José Mindlin assumiu a Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo em 1975, mas renunciou ainda no primeiro ano de mandato, após o episódio da morte do jornalista Vladimir Herzog.

⁷ Witter ocupou o cargo de supervisor do Arquivo Público do Estado de São Paulo de 1977 a 1988.

segurança, o apoio do Dr. Sérgio Buarque de Holanda, que sempre me disse o que fazer em momentos de decisão. Depois desse tempo inesquecível do Arquivo, dirigi, na USP, o Centro de Apoio a Pesquisa em História (CAPH), de 1988 a 1992, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), de 1990 a 1994 e o Museu Paulista (o famoso Museu do Ipiranga), de 1994 a 1999. Todas foram experiências inesquecíveis. Dirigindo o Museu do Ipiranga me aposentei, depois de trabalhar como professor por 45 anos (desde o curso primário até a USP). Ainda gosto de ser professor...

20. Como o senhor vê o atual debate em torno da abertura dos arquivos da ditadura? Que papel ele cumpre para a elucidação de um período ainda turvo na história recente do país?

É o melhor que se pode fazer. Lembro-me da importância que foi não terem queimado os arquivos do DOPS de São Paulo, como foi cogitado. Em alguns estados isso aconteceu e foi mostrado até na TV. Também foi importantíssima a atuação de Fernando Moraes, como Secretário da Cultura e do Prof. Carlos Guilherme Mota, como diretor do Arquivo Público do Estado.

21. Caro professor, agradecendo a generosidade na concessão desta entrevista, gostaríamos de passar-lhe a palavra a título de encerramento.

Como disse, vale ressaltar o quão importante é preservar os documentos e organizar os arquivos, tanto públicos como particulares; bem como os museus. Entretanto, o mais precioso, e especial, é que o conteúdo de todos esses órgãos possa ser consultado, e sem restrições. É absolutamente necessária a mais completa democratização das consultas a todos os documentos armazenados. É claro que, todos sabemos, há documentos com restrições de sigilo e que precisam ser respeitados, mas dentro de prazos específicos e não para sempre.

Termino com um agradecimento muito grande por terem lembrado de mim e espero que tenha respondido a contento. Um forte abraço do Witter.